



Universidade Federal do Pampa

**Campus Santana do Livramento
Graduação em Administração
Trabalho de Curso**

**FORMAS E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE
ADMINISTRAÇÃO: Um estudo de caso na Universidade Federal do Pampa**

Autora: Isielly Guedes de Oliveira

Orientador: Igor Baptista de Oliveira Medeiros

Resumo: Esse estudo teve como objetivo geral analisar as formas e estratégias de aprendizagem dos alunos do Curso de Administração da UNIPAMPA e como objetivos específicos verificar os efeitos do uso do *smartphone* na aprendizagem dos mesmos, inferir se há prevalência pela aprendizagem individual ou coletiva entre esses alunos e identificar principais métodos e recursos de ensino facilitadores da aprendizagem desses discentes. Por tanto, foi realizado um estudo de caso com grupo focal composto por seis alunos, questionário estruturado com 201 alunos e observação participante da pesquisadora. Os principais resultados apontam que o *smartphone* ainda serve apenas como uma distração em aula, não sendo utilizado para aprendizagem. Foi possível identificar que os discentes não possuem preferência pela aprendizagem individual ou coletiva, mas sim pela utilização de ambas. Observou-se que os alunos preferem aulas que utilizem diversas estratégias de aprendizagem, porém, ainda optam por um modelo de aula mais tradicional, precisando do auxílio de professor.

Palavras-chave: Ensino de Administração. Estratégias de aprendizagem. Uso de *smartphone* na Aprendizagem.

Abstract: This study had as general objective to analyze the forms and strategies of learning of the students of the Course of Administration of UNIPAMPA and as specific objectives to verify the effects of smartphone use in their learning, whether there is prevalence by individual or collective learning among these students, and to identify main methods and teaching resources that facilitate the learning of these students. Therefore, was carried out a case study with focal group, structured questionnaire and participant observation. The main results point out that the cell phone still serves only as a distraction in class, not being used for learning. It was possible to identify that the students don't have preference for individual or collective learning, but for the use of both. It was observed that students prefer classes that use different forms of learning, but still choose a more traditional classroom model, always needing the help of a teacher.

Keywords: Management Education. Learning Strategies. Use of Smartphone in Learning.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo general analizar las formas y estrategias de aprendizaje de los alumnos del Curso de Administración de UNIPAMPA y como objetivos específicos verificar los efectos del uso del *smartphone* en el aprendizaje de los mismos, si hay prevalencia por el aprendizaje individual o colectivo entre esos alumnos e identificar principales métodos y recursos de enseñanza facilitadores de la aprendizaje de estos alumnos. Por lo tanto, se realizó un estudio de caso con grupo focal, cuestionario estructurado y observación participante. Los principales resultados apuntan que el *smartphone* todavía sirve apenas como una distracción en clase, no siendo utilizado para en el aprendizaje. Es posible identificar que los discentes no poseen preferencia por el aprendizaje individual o colectivo, sino por la utilización de ambas. Se observó que los alumnos prefieren clases que utilizan de diversas formas de aprendizaje, pero todavía optan por un modelo de clase más tradicional, necesitando siempre el auxilio de profesor.

Palabras-clave: Enseñanza de Administración. Estrategias de aprendizaje. Uso de *smartphone* en el Aprendizaje.

1 INTRODUÇÃO

Imagine, você, uma pessoa que tem dificuldade na universidade em certas disciplinas e em sua instituição de ensino a única forma de aprendizagem é a tradicional, ou seja, com um professor explicando conteúdo oralmente, trazendo exercícios e mais informações em um quadro ou projeção e cabendo a vocês, alunos, apenas ouvir e realizar o que lhes é solicitado. Diante desse cenário, acessar o *smartphone* para procurar sobre o mesmo assunto online, em vídeos explicativos ou outros dispositivos, parece ser mais atrativo e acessível.

Segundo Souza (2010) uma estratégia de aprendizagem abrange inúmeros recursos utilizados pelos alunos quando se aprende um novo conteúdo ou desenvolve novas habilidades, podendo ser amplo e generalizável a varias tarefas e conteúdos ou limitada apenas a uma.

Observa-se que a forma de ensinar só é posta em questão quando os alunos se manifestam. Sabe-se que as formas de aprendizagem são diversas, todavia, ainda se percebe a prática tradicional de aulas expositivas como a forma mais comum e adotada no ambiente universitário. Não obstante, no mundo contemporâneo, com o avanço tecnológico que se tem hoje, demanda-se das instituições de ensino superior que elas promovam métodos e técnicas, tidas como estratégias de aprendizagem, capazes de desenvolver as capacidades e competências atreladas à formação dos discentes da área em estudo.

E com o avanço da tecnologia e dos aparelhos, o *smartphone* se tornou um adereço presente no dia a dia das salas de aula, sendo inevitável o seu uso, com isso é importante ser estudado se o impacto dos smartphones na aprendizagem é positivo ou negativo (LOPES; PIMENTA, 2017; MARTINS; OLIVEIRA; CORSO, 2018).

Segundo Brandão e Silva (2017), a experiência está inteiramente ligada ao processo de desenvolvimento dos alunos, pois elas determinam se eles estarão mais abertos a mudanças e dispostos a aprender ou se estarão resistentes e indispostos para o processo de aprendizagem. Para tanto, a seleção das atividades de ensino deve ser diretamente ligada às capacidades que visam estimular nos alunos (BRANDÃO; CAVALCANTE; TEMOTEO, 2014). Eles ainda dizem que as

estratégias de aprendizagem devem ser escolhidas com base em alguns fatores como as características dos alunos, na matéria e no momento em que a técnica será desenvolvida, o material didático, salas de aula, avaliações planejadas e os feedbacks. Assim pode-se atingir um bom desenvolvimento de uma disciplina e estimular os alunos.

A partir disso, acredita-se ser relevante pesquisar sobre como os alunos da UNIPAMPA, instituição em que participamos, costumam aprender em sala de aula, levando à seguinte questão: quais as formas e estratégias de aprendizagem preferidas pelos alunos de Administração da UNIPAMPA?

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é analisar as formas e estratégias de aprendizagem dos alunos do Curso de Administração da UNIPAMPA, e os objetivos específicos são:

- a. Verificar os efeitos do uso do *smartphone* nas formas de aprendizagem dos respectivos alunos;
- b. Inferir se há prevalência pela aprendizagem individual ou coletiva entre esses alunos;
- c. Identificar os principais métodos e recursos de ensino facilitadores da aprendizagem desses alunos.

É importante compreender as formas de aprendizagem dos alunos, podendo assim ajudar os docentes a melhorarem suas práticas de ensino, além de ajudar na decisão sobre como lidar com as tecnologias presentes com os alunos em todos os espaços, como o da sala de aula e entender como os alunos se sentem estimulados a aprender no ambiente educacional/universitário. O processo de ensino-aprendizagem necessita de envolvimento de aluno, professor e instituição, logo devem discutir e experimentar novas alternativas para aumentar a eficácia e eficiência desse processo (SILVA; NETO, 2010).

Segundo Anastasiou (2007) existe uma ideia entre os docentes que ensinar é apresentar, buscando assim diversas técnicas de oratória ou exposição para obter a competência docente. Nesse cenário o professor expõe o conteúdo e o aluno anota e memoriza. A autora explica que mesmo que tradicionalmente sendo considerada uma boa aula, o professor fica como fonte do saber tornando-se o portador da verdade.

Há carência ainda das universidades em disseminar práticas de ensino que tenham sido exitosas entre os professores de diferentes cursos e conteúdos da instituição. Para Bido et al. (2010), ao analisarem o ambiente industrial, os indivíduos podem desenvolver sozinhos ideias novas, refletindo sobre seus erros e resolvendo seus problemas gerando um aprendizado. Porém, não são todas as pessoas que compartilham essas descobertas individuais com a organização para que elas melhorem seu desempenho. Considerando o âmbito da educação superior, o mesmo poderia ser analisado com relação aos docentes que possuem práticas pedagógicas distintas e que não trocam suas experiências com os colegas professores, ao menos, não como deveriam para que práticas mais dinâmicas de ensinagem repercutissem no todo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esse referencial teórico vai discorrer sobre as formas de aprendizagem no ambiente universitário, o uso da tecnologia na aprendizagem e as estratégias de aprendizagem utilizadas por discentes universitários.

2.1 Formas de aprendizagem em âmbito universitário

De acordo com Silva e Neto (2010, p. 128) “a aprendizagem é o processo cognitivo através do qual a pessoa adquire conhecimentos e se torna capaz de interagir com o mundo”. Para Coelho Júnior e Borges-Andrade (2008) aprendizagem formal é o tipo de aprendizagem referente a objetivos e tarefas que devem ser cumpridas, onde há métodos, técnicas, lugares e condições já pré-determinadas para ocasionar ideias, conhecimentos, valores, atitudes e comportamentos. Tem como finalidade expor para o sujeito algum tipo determinado de conhecimento ou habilidade, pretendendo que ele esteja capacitado, posteriormente, a desempenhá-lo.

Já a aprendizagem informal, não precisa, necessariamente, de um planejamento ou controle, não existindo assim uma programação e organização prévia de conhecimentos e habilidades que serão apresentados aos indivíduos. Os autores ainda dizem que esse tipo de aprendizagem é imensamente importante, pois é espontânea, sem conduta formalizada e possui diversas fontes de acesso ao conhecimento (COELHO JÚNIOR; BORGES-ANDRADE, 2008; LEOPOLDINO; SOUZA, 2017).

Segundo Antonello (2005) a aprendizagem informal é caracterizada por aprendizagens no cotidiano, conhecimento horizontal e ambientes não educacionais e a formal se caracteriza por aprendizagens individuais, conhecimento vertical e intencional e dentro de ambientes educacionais. A autora explica que existe uma polarização por muitos autores sobre esses dois tipos de aprendizagens, mas afirma que o mais importante é a integração de ambas, pois quase todas situações de aprendizagem contém atributos de formalidade e informalidade.

Em um estudo feito por Beni et al. (2007) foi identificado que os professores precisam estar em constante interação com os alunos, porque todos estão em processo de aprendizagem. Os professores aprendendo como atingir os objetivos de ensino e os alunos aprendendo não só conteúdos, mas também valores éticos, éticos e morais. Esse estudo mostrou que a maioria dos professores tentou criar um ambiente afetivo com os alunos, demonstrando dedicação e frequentemente usando exemplos da vida real.

Beni et al. (2017) ainda afirmam que todos os professores estudados tentaram promover um ambiente dinâmico e incentivador e para que isso aconteça é necessário organização, uma boa preparação de aula e da energia de cada professor. Mas depende também dos alunos que devem realizar todas as tarefas solicitadas, ter uma participação ativa e aproveitar todo o tempo em classe.

Os mesmo autores concluíram que os professores necessitam de paciência, tolerância e motivação inabaláveis para que possam programar suas tarefas de uma forma proveitosa, e sempre buscar informações atuais para levar nas aulas, correlacionar com a realidade, comunicar-se com o aluno e visar sempre à aprendizagem do mesmo.

Contudo, conforme observado por Oliveira (2010, p. 130) “em que pesem esses esforços, a tendência moralista ainda influencia muitos professores, que se sentem mais confortáveis quando ditam claramente o que é o ‘certo’ e o ‘errado’ e quando separam inequivocamente o ‘bem’ do ‘mal’”.

Segundo Fernandes, Binotto e da Silva (2015) a forma de aprendizagem dos indivíduos, considerando seus estilos, preferências, personalidades, instintos, concepções e cultura é o que motiva muitos pesquisadores a elaborarem instrumentos de pesquisas para qualificar essa aprendizagem.

Nesse sentido, Costa, Pfuti e Casa Nova (2014) afirmam que a forma de aprendizagem dos alunos deve ser levada em consideração porque alguns aprendem fazendo e outros ouvindo ou lendo. Então, não se deve buscar apenas uma modalidade, mas sim adotar mais de uma para benefício de todos. Além disso pode-se utilizar das tecnologias disponíveis hoje em dia para aprendizagem, principalmente o celular, que é o tópico que se verá a seguir.

2.2 Uso da tecnologia na aprendizagem

O avanço das tecnologias de ensino proporcionou mais autonomia aos discentes. Pádua Jr. (2014) constata que as experiências prévias dos alunos com essas tecnologias podem facilitar o aprendizado, além de trazer autonomia para buscar novos meios de conhecimento e que estes não se restrinjam apenas ao que é passado em sala de aula.

Em boa parte das universidades federais, trabalha-se com o Moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment* - Ambiente Modular de Ensino Dinâmico Orientado ao Objeto), que trata-se de um sistema de apoio à aprendizagem em ambiente virtual. É desenvolvido de forma colaborativa por administradores de sistema, professores, pesquisadores, designers, desenvolvedores, programadores e usuários de todo o mundo de forma voluntária, que militam por programas gratuitos de código aberto (PEREZ; ZILBER; CESAR; LEX; MEDEIROS JR., 2012).

No ambiente Ensino a Distância (EAD) os alunos interagem com seus professores pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), que para Neto (2009, p. 9) são “sistemas de informação computacionais que oferecem ferramentas e funcionalidades de auxílio ao processo de ensino e aprendizagem baseados na plataforma web”. Em um estudo feito por Pereira, Ramos e Chagas (2015) em um curso de Administração que utiliza o Moodle como AVA, foi observada satisfação por parte dos alunos e a intenção de continuidade, devido facilidade de uso, a qualidade da informação e a percepção de utilidade.

Com esses avanços tecnológicos no âmbito da educação, ocorre também o crescimento do uso da internet para fins de aprendizagens fora e dentro da sala de aula. Assim, surge o *m-learning*, que para Saccol, Schlemmer e Barbosa (2010, p. 25) é:

Processos de aprendizagem apoiados pelo uso da tecnologia da informação ou comunicação móvel e sem fio, cuja característica fundamental é a mobilidade dos aprendizes, que podem estar distante um dos outros e também de espaços formais de educação, tais como sala de aula, sala de formação, capacitação e treinamento ou local de trabalho.

Nesse sentido, devido à terceira onda da computação, a computação ubíqua, na qual vários computadores são acessados por um único indivíduo, ocorre o surgimento também de um novo conceito de aprendizagem: *u-learning* ou aprendizagem ubíqua. A mesma é definida por Saccol, Schlemmer e Barbosa (2010, p. 28) por:

Processos de aprendizagem apoiados pelo uso de tecnologia da informação ou comunicação móvel e sem fio, sensores e mecanismos de localização, que colaborem para interagir os aprendizes no seu contexto de aprendizagem e a seu entorno, permitindo formar redes virtuais e reais

entre pessoas, objetos, situações e eventos, de forma que possa apoiar uma aprendizagem contínua, contextualizada e significativa para o aprendiz.

Para além disso, as tecnologias adentraram a sala de aula a partir da popularização dos *smartphones*, *tablets* e *notebooks* que, nas últimas décadas, adquiriram um papel central no cotidiano das pessoas, e conseqüentemente, dos alunos em sala de aula. Aprender tem-se tornado uma tarefa cada vez mais importante, uma vez que as tecnologias a cada dia se tornam obsoletas e assim nos obrigam a lidar com mais informações que podem incluir ou excluir um sujeito da sociedade (SCORSOLINI-COMIN, 2014).

Martins, Oliveira e Corso (2018) mostram em seu estudo que os indivíduos veem os *smartphones* como uma extensão do seu corpo, por serem aparelhos de atualização rápida, eles ocupam uma parte importante na vida dos usuários, sendo considerado fundamental no dia a dia. Logo, ele vem se tornando um adereço corriqueiro dentro das salas de aula.

Segundo Castro et al. (2018) atualmente os alunos possuem internet móvel em seus *smartphones*, o que facilita o uso das redes sociais em sala de aula e acesso a informação. E através do estudo dos mesmos foi possível observar que os discentes sentem mais a falta do *smartphone* em aulas teóricas diferentemente das aulas de cunho mais prático, onde os discentes estão mais envolvidos em atividades propostas pelo professor.

2.3 Estratégias de aprendizagem de discentes universitários

A aprendizagem baseada em problemas (BPL) é um método inovador que Souza e Dourado (2015) explicam que “estudantes trabalham com o objetivo de solucionar um problema real ou simulado a partir de um contexto.” A aprendizagem é toda centrada no aluno, que deixa de ser apenas um receptor passivo e passa a ser um protagonista.

Para Farina (2008) esse método é considerado inovador, pois engloba várias teorias e utiliza um conjunto de atividades como investigação e trabalho em equipe. A BOL também ajuda na formação de pesquisadores, já que necessita de definição e análise, levantamento de hipóteses, fundamentação teórica, troca de informações, apresentação de resultados e síntese dos conhecimentos adquiridos, assim melhora o domínio dos conhecimentos e habilidades comunicativas e interpessoais.

Outra estratégia de aprendizagem é a colaborativa, definida por Torres (2007, p. 339) como “uma metodologia de aprendizagem, na qual, por meio do trabalho em grupo e pela troca entre os pares, as pessoas envolvidas no processo aprendem juntas”.

Além disso, os jogos de empresas como estratégia de aprendizagem estão se destacando no ambiente acadêmico nos últimos anos, pois possibilitam simular situações empresariais em que é necessária a tomada de decisão (MOTTA; MELO; PAIXÃO, 2012). Segundo D’Elboux (2008), “os jogos de empresas têm o objetivo de dinamizar, treinar, selecionar, capacitar os colaboradores da empresa para que esta tenha vantagem competitiva e se posicione positivamente no mercado.” D’Elboux ainda afirma que os jogos fazem com que a equipe possa adquirir novos conhecimentos, repense conceitos ultrapassados e que tenham mais estímulos desenvolvendo suas competências.

É importante mencionar também os jogos online, com o avanço tecnológico, os jogos de empresa chegaram aos ambientes virtuais, sendo um método muito

popular em escolas, por sua capacidade de engajamento no processo de aprendizagem. Esses jogos também podem ser utilizados no âmbito universitário. Mercado (2006) afirma que “um só jogo pode servir como contexto para a aprendizagem de múltiplos conceitos e variadas habilidades, de natureza bastante sofisticada, tudo isso de maneira que o aluno dificilmente fica desmotivado no processo”.

Anastasionou e Alves (2007) abordam diversas técnicas de ensinagem, que logo pode ser uma forma de aprendizagem dos alunos, como a aula expositiva dialogada é um método bem comum de aprendizagem, que consiste em um docente dando o ponto de partida e os discentes questionando, interpretando e discutindo o objeto de estudo. Outra técnica muito tradicional é estudo de texto, onde é feito um estudo crítico das ideias de um autor buscando informações e exploração dessas ideias.

Duas técnicas relativamente novas são trazidas por Anastasiou e Alves (2007): tempestade cerebral e mapa conceitual. A primeira consiste estimular novas ideias deixando a imaginação funcionar, tudo que for levantado será considerado, não existindo assim certo ou errado. A segunda se caracteriza na construção de um diagrama onde indica relação entre conceitos.

Quadro 1 – Conceitos de estratégias de aprendizagem

Estratégia	Definição	Autor
Aprendizagem baseada em problemas	Os alunos devem solucionar um problema real ou simulado proposto pelo professor.	Farina (2008) Souza e Dourado (2010)
Aprendizagem colaborativa	Alunos aprendem juntos pela troca de experiência e ajudando uns aos outros.	Torres (2007)
Jogos de empresas	Simulação de situações empresariais onde é necessário uma tomada de decisão.	D’Elboux (2008) Motta, Melo e Paixão (2012)
Aula expositiva dialogada	Aula expositiva onde o discente participa ativamente.	Anastasiou e Alves (2007)
Estudo de texto	Estudar as ideias de um autor buscando informação e explorando os conteúdos.	
Tempestade cerebral	O coletivo expõe ideias para um tema proposto.	
Mapa conceitual	Criação de um diagrama onde existe uma relação entre os conceitos.	

Fonte: elaborado pela autora.

A partir desse referencial vai-se trabalhar a seguir o método.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo utilizou o tipo de pesquisa descritiva com abordagem quantitativa e qualitativa, de acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006, p. 101) “um estudo descritivo seleciona-se uma série de questões e mede-se ou coleta-se informação sobre cada uma delas, para assim (vale a redundância) descrever o que se pesquisa”. Na visão dos mesmos autores, a pesquisa descritiva mede, avalia ou coleta dados sobre diversos aspectos. Para Richardson (2015) os estudos descritivos são aqueles que investigam as características de um fenômeno como tal.

A abordagem de pesquisa quantitativa é caracterizada por utilizar da mensuração tanto na coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples até as mais complexas. É muito utilizado, pois garante a precisão dos resultados, evitando distorções de análise e de interpretações (RICHARDSON, 2015; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

Para Diehl e Tatim (2004), relatar a complexidade de algum problema e a interação de certos objetos de estudo caracterizam a pesquisa de cunho qualitativo. Além disso, ela busca compreender processos dinâmicos vividos por grupos sociais, podendo assim ajudar no processo de mudança social, e em mais profundidade, pode entender as particularidades das condutas e dos comportamentos dos indivíduos.

Para esse estudo, foi importante o método quantitativo e qualitativo, pois buscou-se analisar se há prevalência de alguma forma ou estratégia de aprendizagem e, também, dos impactos do uso do *smartphone* em sala de aula. Esses constructos ainda não possuem explicação exaustiva ou consolidada teoricamente que permitam análises diretas de causa-efeito. Assim, para contribuir com os estudos dessas temáticas e propondo uma integração entre elas, julgou-se relevante a realização da etapa quantitativa para trazer algumas respostas representativas e para descobrir informações novas e imprevistas, julgou-se necessária a etapa qualitativa.

Para tanto, o presente estudo utilizará o método de estudo de caso que, para Yin (2010, p. 32), é “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

De acordo com Gil (2012), o estudo de caso é um estudo profundo de um ou poucos objetos para ter conhecimento amplo e detalhado. Esse tipo de método foi escolhido porque permite investigar um fenômeno (formas de aprendizagem de alunos) em um contexto real, utilizando-se técnicas de coletas de dados variadas (YIN, 2010). Além disso, devido à seleção de um objeto de estudo de caso específico, que é a UNIPAMPA, enquanto unidade básica dessa pesquisa.

O presente estudo caracteriza-se por um estudo de caso único holístico, pois “capta as circunstâncias e as condições de uma situação diária de algum lugar-comum” (YIN, 2010, p. 72), que nessa pesquisa, foi o contexto de aprendizagem dos alunos (unidade de análise) do Curso de Administração da UNIPAMPA.

Yin (2010) ainda explica que para um estudo de caso ser bem aplicado é aconselhável ter várias fontes de evidências, ou seja, evidências provenientes de duas ou mais fontes, mas que conversem em relação ao mesmo conjunto de fatos ou descobertas. Nesse estudo, as fontes de evidências foram: observação participante, grupo focal e aplicação de questionários. Explicar-se-á cada uma delas mais detalhadamente a seguir.

Quanto à observação participante, ela caracteriza-se pela interação do pesquisador e dos indivíduos investigados de modo cooperativo ou participativo (DIEHL; TATIM, 2004; SEVERINO, 2016), que nessa pesquisa, envolveu a participação da pesquisadora enquanto discente do Curso de Administração da UNIPAMPA. Esse envolvimento permite que a mesma fizesse contribuir às análises com a sua percepção das formas de aprendizagem vivenciadas em aula.

Outra técnica de coleta utilizada foi o grupo focal. Para Oliveira e Freitas (1998, p. 83), o grupo focal é:

um tipo de entrevista em profundidade realizada em grupo, cujas reuniões apresentam características definidas quanto proposta, tamanho, composição e procedimentos de condução. O foco ou o objeto de análise é a interação dentro do grupo. Os participantes influenciam uns aos outros pelas respostas às ideias e colocações durante a discussão, estimulados por comentários ou questões fornecidos pelo moderador (pesquisador ou outra pessoa). Os dados fundamentais produzidos por essa técnica são transcritos das discussões do grupo, acrescidos das anotações e reflexões do moderador e de outro(s) observador (es), caso exista(m).

Como proposta de interação do grupo focal, conduziu-se a conversa com as seguintes questões gerais: (1) como vocês costumam aprender em aula? (2) que tipo de métodos/recursos vocês gostam que o docente utilize para aprenderem? (3) Com quais métodos/recursos vocês aprendem mais facilmente? (4) quais atividades de ensino vocês não gostam quando o docente realiza? (5) Como vocês percebem o uso de *smartphones* nas aulas? Como vocês usam? Para quê? (6) De que maneira os docentes podem trabalhar com *smartphones* em aula?

Nessa pesquisa, o grupo focal foi realizado com 7 alunos de diferentes semestres, a escolha dos mesmos deu-se por conveniência, para contemplar quais as formas de aprendizagem que eles identificam nas aulas das diversas disciplinas do Curso.

Por fim, a partir das coletas qualitativas apresentadas anteriormente, aplicou-se um questionário estruturado que, segundo Gil (2012), é a técnica de investigação feita por um conjunto de questões fechadas que são submetidas a pessoas com o objetivo de levantar informações. Utilizou-se no questionário a escala Likert de 5 pontos, possuindo caráter ordinal, na qual os respondentes demonstram o seu nível concordância com o enunciado proposto. O questionário encontra-se no apêndice desse projeto (GIL, 2012).

As questões de número 1, 2, 4, 5, 7 e 12 ao 17 estão relacionadas com formas de aprendizagem dos alunos, as questões de número 3, 6, 9, 10, 11 e 18 ao 23 estão relacionadas às estratégias de aprendizagem dos mesmos e as questões do 24 ao 30 estão relacionadas ao uso do *smartphone* em aula. A população deste questionário engloba os 365 alunos do Curso de Administração da UNIPAMPA, conforme quadro a seguir.

Quadro 2 – Número de alunos do Curso de Administração matriculados por ano de ingresso

Ano de ingresso	Número de alunos regulares no Curso de Administração Diurno	Número de alunos regulares no Curso de Administração Noturno
2009	0	2
2010	0	2
2011	0	8
2012	9	12
2013	2	9
2014	18	18
2015	27	19
2016	32	30
2017	33	35
2018	56	53
Total	177	188

Fonte: elaborado com base em relatório geral da Secretaria Acadêmica.

Tendo como público-alvo esse universo populacional, caracterizado como finito, a aplicação da fórmula amostral para populações finitas, com nível de confiança de 95% e erro amostral de 5%, sugeria uma amostra representativa mínima de 187 elementos. A partir da coleta de dados, captou-se 201 respondentes, superando o mínimo estatístico necessário.

Para analisar os dados, foi utilizada análise estatística descritiva. Segundo Hair Jr. et al. (2005, p. 84) é o uso de “contagens de frequência (quantidade), medidas de tendência central como a média ou moda, ou uma medida de variação, como o desvio padrão”.

Ainda, foi criado um protocolo de pesquisa com cada um dos procedimentos para cada atividade/momento da mesma. Para Yin (2010, p. 89) “um protocolo para o estudo de caso é mais do que um instrumento. O protocolo contém o instrumento, mas também contém os procedimentos e as regras gerais que deveriam ser seguidas ao utilizar o instrumento”. O autor ainda afirma que o protocolo é uma das principais táticas para aumentar a confiabilidade da pesquisa do estudo de caso.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir, irá ser apresentado os tópicos analíticos que serão divididos em 4 subtópicos. O primeiro irá tratar sobre as características do público de alunos dessa pesquisa, o segundo sobre as formas de aprendizagem dos mesmos, o terceiro diz respeito sobre as estratégias de aprendizagem adotadas por esses alunos e o quarto, e último, será sobre o uso do *smartphone* em sala de aula e dividido em mais dois subtópicos, o *smartphone* como distrator da aprendizagem e o *smartphone* como facilitador.

4.1 Caracterização do público de alunos de Administração pesquisados

A pesquisa contou com 201 questionários respondidos por alunos do curso Administração do primeiro ao nono semestre e 7 alunos participantes do grupo focal. Dos alunos respondentes dos questionários podemos observar uma predominância do sexo feminino, com 121 respondentes (60%), enquanto os respondentes do sexo masculino foram 79 (39%).

Em relação às idades dos respondentes pode-se observar variações, mas uma grande concentração entre 18 e 22 anos, totalizando 56% da amostra. Já os 7 alunos participantes do grupo focal tem idades que variam entre 20 e 32, sendo 3 homens e 4 mulheres. Os anos de ingresso variam entre 2012 e 2016.

Foi possível observar que a maioria dos alunos cursou o ensino médio em escolas públicas (78%) e é possível visualizar essa diferença no gráfico 2 a seguir. O ano de ingresso desde alunos varia muito, mas pode-se observar uma maior concentração no ano de 2018 (31%). O turno que obteve mais respondentes foi o diurno com 104 questionários respondidos, já o noturno obteve 97 respondentes.

4.2 Formas de aprendizagem dos alunos de Administração da UNIPAMPA

O primeiro agrupamento possui 11 variáveis que dizem respeito às formas de aprendizagem, que podem estar relacionadas a questões como aprendizagem mais coletiva ou individual, e aprendizagem formal ou informal, com relação a conteúdos teóricos ou cálculo-matemáticos.

Quadro 3 – Agrupamento das formas de aprendizagem

Questão	Média	Mediana	Desvio Padrão
1. Aprendo mais ouvindo os colegas e interagindo com eles do que com docente explicando.	2,89	3,00	1,083
2. Aprendo mais quando tenho proximidade com o docente.	3,78	4,00	1,148
4. Gosto de aprender quando o docente expõe conteúdo conceitual-teórico e nos coloca a refletir sobre ele.	3,69	4,00	1,186
5. Aprendo mais quando me sinto à vontade para fazer perguntas e questionamentos em aula.	4,06	4,00	1,122
7. Costumo aprender mais conteúdos que envolvem cálculos quando o professor explica em aula.	4,35	5,00	1,108
12. Quando a matéria é mais teórica, prefiro buscar explicação em vídeo aulas do que prestar atenção ao docente.	2,46	2,00	1,301
13. Sinto-me mais à vontade para aprender realizando trabalho em grupo.	3,15	3,00	1,411
14. Não gosto de realizar atividades em grupo, pois não consigo me concentrar para aprender.	2,33	2,00	1,342
15. Prefiro aprender conteúdos teóricos sozinho do que com um docente explicando em aula.	2,08	2,00	1,252
16. Aprendo mais conteúdos matemáticos estudando sozinho em casa do que prestando atenção em aula.	2,02	1,00	1,334
17. Prefiro aprender conteúdos que envolvem cálculos com vídeo aulas online do que com o docente explicando em aula.	1,95	1,00	1,210

Fonte: elaborado pela autora.

Em linhas gerais, de acordo com o quadro 3, a questão de número 7, sobre a preferência pela explicação do professor em conteúdos que envolvem cálculos e a questão 17, sobre a preferência por aprender com vídeo aulas nesses conteúdos, tiveram maior e menor média, respectivamente, nessa agrupamento. Isso mostra a dependência do aluno pelo docente, principalmente em conteúdos matemáticos.

A grande maioria dos discentes, mais de 65%, marcando na escala de concordância 4 ou 5, que aprendem mais quando possuem proximidade com o docente, isso vai de acordo com que Beni et al. (2007) explicam em seu estudo, afirmando que os professores devem manter uma atmosfera dinâmica e estimulante, criando assim um ambiente afetivo e demonstrando frequentemente dedicação.

E referente a isso, surgiu no grupo focal uma fala da aluna 3 que corrobora com isso:

Eu gosto quando os alunos conseguem sentir uma proximidade com o professor, eu não gosto quando tu sente aquela distância, *tipo* que o professor é a autoridade. E também, por exemplo, eu já tive aulas que os professores não exigiam muito as coisas, *tipo* não cobravam chamada, não eram tão rígidos quanto a isso e eram as aulas mais cheias, as turmas mais lotadas, porque os alunos iam porque eles gostavam da forma que o professor passava aquele conteúdo. E às vezes aquelas aulas mais cansativas que o professor mais ficava impondo e exigindo regras e *tipo* 'ai larga o celular', 'ai se tu chegar atrasado vou te tirar a chamada' ou algo assim eram as aulas que as pessoas iam muito por obrigação, não era pelo aprendizado e sim pela obrigação.

E nessa mesma grande maioria alunos, mais de 70%, concordaram, marcando 4 ou 5 na escala de concordância, que aprendem quando sentem-se a vontade para fazer questionamentos em aula. O que traz novamente o estudo de Beni et. Al (2007) onde afirma que os docentes devem ter um contato contínuo com os discentes. Reafirmando isso com o que a aluna 1 falou no grupo focal:

Tem aulas quem tem professores que recebem bem o ponto de vistas dos alunos, então tu te sente à vontade de discutir, mesmo que tenham pontos de vistas diferentes porque sempre vai ter, mas tem outros que a gente meio que se cansa de remar contra a maré, sabe?! Porque ele quer ouvir a nossa opinião desde que a dele esteja certa, daí isso vai matando muito a vontade de participar, é com se desdenhasse da tua vivencia, entende? Do teu ponto de vista. Ninguém vai tá certo sempre, mas é meio complicado isso e é um dos fatores que desmotiva um pouco.

Uma das maiores dificuldades dos alunos são as matérias relacionadas a cálculos e ficou claro que os alunos aprendem e sentem menos dificuldades nos números quando o professor ensina, e no grupo focal foi deixado claro que em disciplinas de cálculos é muito importante que o docente faça muitos exercícios e explique diversas vezes, mostrando-se sempre pronto para ajudar. Isso fica claro com as falas do aluno 2 e, a seguir, da aluna 1:

Nas diferentes formas de aplicar o conteúdo tem que ter uma flexibilidade do professor, igual eu tive uma aula de cálculo que o professor trouxe de uma forma o conteúdo, aí todo mundo foi mal, aí mudou a metodologia dele, expôs de outro formato, outro jeito de fazer as provas, aí todo mundo teve um desempenho muito melhor. E ele expôs pra turma assim que devido a forma, o segundo jeito que ele aplicou e todo mundo foi melhor, que se todo mundo tava de acordo de continuar daquele jeito, porque o desempenho realmente aumentou, então não fazia sentido voltar e quem sabe pior o desempenho novamente. E aí a turma entrou em consenso e continuou que todo mundo conseguiu aprender e discutir melhor o conteúdo e grande maioria passou. Diferente da primeira prova que já tava ruim, que a gente já tava querendo desistir porque daquele formato que ele tava trazendo meio que não entenderam e se sentiam meio prejudicados.

Pra parte de cálculos muitas vezes a gente desenvolve outras formas de calcular, por exemplo, uma mesma coisa e aí tem professores que são super tranquilos quanto a isso, se tá dando o resultado certo tu me explica do teu modo e tudo bem, tem outros que não, tu tem que reaprender a fazer da forma dele.

Um dos questionamentos feito a eles se tinham preferência em aprendê-los sozinhos do que com um docente explicando é nítido a preferência pela explicação em aula pelo docente, tanto que mais de 70% afirmou isso, marcando 4 ou 5 na escala de concordância. Também foi afirmado pela grande maioria que preferem aprender em aula esse tipo de conteúdo do que estudando sozinhos em casa. Em contrapartida no grupo focal foi comentado que independe da matéria, eles preferem professores preparados, pois isso faz toda a diferença. Podemos observar isso com a fala do aluno 2 e da aluna 1:

Na minha visão depende muito do professor, nem tanto de ele conseguir colocar na prática e etc., mas mais de ele conseguir transmitir o ensinamento, o conhecimento dele. Porque tem muitos casos de professor que sabem muito, mas ele parece que tem um bloqueio que eles não

conseguem transmitir o conhecimento, eles ficam naquela parece que eles sabem muito e eles não conseguem entender que o aluno não entende aquele conteúdo e aí parece que pra ele aquilo é muito fácil e ele não consegue transmitir aquilo de uma forma mais simples.

Outra coisa que dificulta muito é a insegurança do professor, quando tu não tem certeza que ele sabe o que ele tá fazendo porque às vezes... Tu vê claramente que o professor não domina a matéria e aí tu não te sente seguro de aprender, e aí isso é uma coisa que dificulta bastante. Geralmente acontece que com professores que não dominam e a própria universidade colocou eles ali e eles tem aprender a matéria pra te ensinar, isso é bem complicado.

Quando foi contestado sobre aulas com conteúdos mais teóricos a maior parte concordou que possui preferência por aulas onde o docente os coloca para refletir sobre o assunto. E novamente a grande maioria concordou que prefere a presença do professor explicando o conteúdo.

As questões sobre trabalhos em grupo foram menos polarizadas, mostrando assim que as aulas não podem seguir sempre um padrão de avaliação, já que cada indivíduo aprende de uma maneira. As falas da aluna 1 no grupo focal resume isso:

E até a questão da forma de aprendizagem alguns não tem essa visão de que cada um aprende de um jeito, e aí acha que a forma como ele ensina é a ideal ou a forma como ele aprendeu como ele enxerga é a ideal e muita gente não consegue se adaptar, isso é um problema de aprendizagem que a gente enfrenta.

Acho que professores que tentar mesclar diversas formas de avaliação conseguiram um desempenho um pouco melhor, por exemplo, trazer exercícios, daí depois trazer estudos de caso ou fazer trabalho em grupo, fazer prova, um pouco de cada uma, porque em algum momento toda turma ia se encontrar.

Isso vai ao encontro com o que Costa, Pfuti e Casa Nova (2014) afirmam que todas as formas de aprendizagem devem ser levadas em consideração, já que nem todos os alunos aprendem da mesma maneira.

Também foi questionado sobre a preferência por vídeo aulas online ao invés do docente explicando, tanto em conteúdos teóricos quanto em conteúdos que envolvem cálculos, e novamente a preferência foi pela explicação do professor. Foi questionado no grupo focal se os alunos achariam interessante o professor postar vídeo aulas e alguns alunos falaram que não, pois assistem vídeo aulas pra entender conteúdos que não aprendem em aula com a dinâmica do professor, logo o mesmo professor gravando vídeos da mesma maneira não seria interessante.

4.3 Estratégias de aprendizagem dos discentes

Neste segundo agrupamento, 12 variáveis que dizem respeito às estratégias de aprendizagem utilizadas pelos alunos e suas preferências, além da percepção que eles possuem do Moodle e como preferem utilizar a plataforma.

Quadro 4 – Agrupamento das estratégias de aprendizagem

Questão	Média	Mediana	Desvio Padrão
3. Sinto-me mais à vontade para aprender quando temos que buscar informações para resolver problemas de casos sugeridos pelo docente.	3,18	3,00	1,182

6. Prefiro aprender conteúdo conceitual realizando provas objetivas como as de concurso.	3,44	4,00	1,369
8. Aprendo mais quando docente fornece ferramentas de apoio no Moodle.	3,81	4,00	1,192
9. Prefiro aprender participando de discussões em fóruns online como os disponibilizados no Moodle.	2,12	2,00	1,131
10. Costumo aprender mais quando o docente cria questionários no Moodle no formato de teste para exercitarmos o conteúdo.	3,36	3,00	1,292
11. Aprendo mais quando o docente indica uma tarefa online no Moodle para refletirmos e postarmos nossa análise individual.	3,03	3,00	1,221
18. Costumo aprender mais quando o docente disponibiliza textos para lermos e refletirmos em aula.	3,03	3,00	1,247
19. Prefiro aprender quando o docente aplica estudos de casos.	3,51	3,00	1,109
20. Acredito que aprendo mais quando o docente oferece algum problema aplicado para resolvermos em aula.	3,84	4,00	1,027
21. Aprendo mais quando o docente aplica jogos de empresa.	3,58	4,00	1,162
22. Acho mais fácil aprender quando o docente realiza alguma dinâmica vivencial para ensinar o conteúdo.	4,04	4,00	1,012
23. Aprendo mais os conteúdos quando o docente propõe atividades diversificadas.	4,11	4,00	0,981

Fonte: elaborado pela autora.

A aprendizagem baseada em problemas é um método relativamente novo para aprendizagem e muito completo, pois envolve diversos tipos de atividades (FARINA, 2008). Foi possível constatar que os alunos gostam quando o docente aplica esse tipo de método em aula e quando é proposto para buscarem informações para resolver esses problemas propostos.

Uma estratégia muito proveitosa no curso de Administração são os jogos empresariais, podendo trazer uma vivência mais prática para a vida do discente, já que é possível simular situações empresariais onde é necessária uma tomada de decisão (D'ELBOUX, 2008). E constatou-se que os alunos gostam desse método, onde 60% afirmaram marcando 4 ou 5 na escala de concordância, que aprendem mais dessa forma.

Os estudos de caso também são estratégias de grande valia para a área de administração e umas das mais comuns dentro das salas de aula e os alunos da Unipampa afirmaram que aprendem bastante com esses estudos. Assim como o estudo de texto proposto pelo professor e posteriormente refletido em aula, onde é possível efetuar uma troca de percepções entre aluno e professor e entre colegas.

A grande maioria dos alunos concorda que quando o professor traz uma dinâmica vivencial para a sala de aula eles aprendem mais. Beni et al. (2017) afirma que trazer exemplos da vida real é uma das maneiras de tornar a aprendizagem mais fácil. Também foi possível constatar que a utilização de provas no estilo de concurso não são muito utilizadas na universidade, já que a maioria dos respondentes marcou 3 na escala de concordância.

Em relação ao Moodle, uma plataforma repleta de funcionalidades, porém pouco explorada na Unipampa. Foi possível analisar que os alunos aprendem mais quando os docentes disponibilizam materiais de apoio na plataforma, e não os fóruns online não trazem tanto aprendizado. A maior porcentagem de respostas nos questionários sobre a plataforma está no “não concordo nem discordo”, isso pode

ser devido ao que foi bastante discutido no grupo focal, onde todos os alunos concordaram que a maioria dos professores praticamente não utiliza o Moodle, servindo somente pra ter todos os conteúdos em um único local. Foi bastante frequente na fala desses alunos que os docentes, na maioria das vezes, apresentam não saber usar a plataforma, deixando de fazer uso de várias funcionalidades que seriam uteis e diferentes para o aprendizado. Também foi muito discutido sobre os alunos não serem instruídos em como usar o Moodle, passando muito tempo sem entender como funciona.

A autora, durante as aulas pode observar que as aulas que possuem mais êxito são as mesclam diversas formas de aprendizagem, possibilitando que todos os alunos aprendam e tenham sucesso na disciplina, já que cada indivíduo aprende de uma maneira e possui preferências por algumas estratégias.

Assim, em linhas gerais, nas questões 9 e 23 no quadro 4, foi possível constatar a menor e a maior média, respectivamente. Na questão 9, sobre o a preferência pela utilização de fóruns online no Moodle, por ter a média mais baixa, reforça o que foi falado no grupo focal sobre os discentes não possuírem tanto contato com a plataforma. E a questão 23, a respeito do docente propor atividades diversificadas, corrobora com as falas dos alunos sobre cada indivíduo aprender de uma maneira e a diversificação das atividades avaliativas obter mais sucesso.

4.4 Relações do uso do *smartphone* em aula com a aprendizagem

Veremos no terceiro agrupamento, 7 variáveis que dizem respeito a utilização do *smartphone* em sala de aula, a utilização dos aparelhos na aprendizagem e a percepção do aluno em relação aos aparelhos, sendo dividido em duas categorias: o *smartphone* como facilitador e como distrator da aprendizagem.

Quadro 5 – Agrupamento do uso do *smartphone* em aula

Questão	Média	Mediana	Desvio Padrão
24. Eu uso o celular em sala de aula sempre que a matéria não me interessa.	2,92	3,00	1,537
25. Eu uso o celular em sala de aula quando o docente explica um conteúdo que já sei.	2,60	2,00	1,436
26. Quando o docente explica algo que fico em dúvida, busco explicação online pelo celular em aula para tentar entender.	3,36	4,00	1,438
27. Quando o docente termina uma explicação ou atividade, costumo usar o celular para buscar mais informações sobre esse conteúdo.	3,05	3,00	1,350
28. Costumo usar o celular em aula quando o docente propõe uma atividade com o aparelho.	4,26	5,00	1,091
29. Quando o docente explica algum conteúdo que eu não entendo, busco me distrair usando o celular.	1,95	1,00	1,234
30. Uso o celular em aula para averiguar se as informações transmitidas estão atualizadas.	2,62	2,00	1,482

Fonte: elaborado pela autora.

4.4.1 Uso do *smartphone* como um distrator da aprendizagem

O *smartphone* vem sendo um grande distrator dentro das salas de aula atualmente, porém as respostas dos alunos em relação aos *smartphones* foram opostas a isso. Quando questionados se utilizavam do *smartphone* para se distrair

no momento em que o docente explicava uma matéria que não os interessava, 44% afirmou que discorda, marcando 1 ou 2 na escala de concordância, já 38% concordaram, marcando 4 ou 5 na escala de concordância e o restante não concordou e nem discordou. Ou seja, é possível observar que a maioria afirma que mesmo quando o conteúdo não é de seu interesse seguem mantendo a atenção na aula.

Porém no grupo focal ficou muito claro que a maioria dos alunos usam o *smartphone* quando a aula está entediante ou quando o professor tende a repetir muito as informações, mostrando que o *smartphone* faz parte do cotidiano da universidade. Assim como Martins, Oliveira e Corso (2018) afirmam que por ser um aparelho de acesso rápido, está se tornando cada vez mais corriqueiro em sala de aula, como se fossem extensões do corpo desses alunos. Os discentes participantes também se mostraram contra a atitude de professor que proíbem o uso do *smartphone* em sala ou que chamam a atenção de alunos por usarem o aparelho durante a explicação.

A autora, durante as aulas, pode observar que tanto ela quanto os colegas, usam o *smartphone* com frequência, principalmente quando a aula não está interessante, percebendo que as vezes que é uma tarefa difícil não se manter conectada. Assim, é possível observar uma contradição na vontade do alunos, já que os mesmo preferem a explicação do docente, mas ao mesmo tempo querem estar conectados em seus *smartphones* durante a aula.

Outro questionamento aos alunos sobre o *smartphone* como *smartphone* foi quando o professor explica algum conteúdo que eles já sabem e mais da metade dos respondentes afirmou que discorda, marcando 1 ou 2 na escala de concordância. E quando o docente explica um conteúdo que eles não entendem a quantidade de alunos que discorda subiu para 70%.

4.4.2 Uso do *smartphone* como um facilitador da aprendizagem

Já o *smartphone* como um facilitador em aula é ainda pouco utilizado, mesmo assim mais de 80% dos discentes afirmaram, marcando 4 ou 5 na escala de concordância, que quando o professor propõe uma atividade com o aparelho eles costumam utiliza-lo. E também mais da metade dos respondentes concordaram que quando fica em dúvida sobre algum conteúdo procura explicação online para tentar entender. No grupo focal os alunos afirmaram que os docentes utilizam pouco o *smartphone* como facilitador em aula, utilizando somente em coisas básicas, como pedir para a turma ler um texto.

Quando questionados sobre buscar informações após o término da explicação do docente e de alguma atividade e 39% dos respondentes afirmou que faz essa busca. No grupo focal foi falado que os alunos costumam usar o *smartphone* para poder se situar na aula, procurando significados de palavras que o docente utilizou e eles não possuem conhecimento. A autora, enquanto aluna, pode observar na trajetória dentro da universidade que o *smartphone* não é utilizado de uma forma que agregue na aprendizagem durante a aula, servindo somente para distração.

Outro questionamento feito foi se utilizam o *smartphone* para averiguar se o que o professor passa em aula é verdade, 50% responderam que discordam, marcando 1 ou 2 na escala de concordância, mas no grupo focal teve uma fala sobre isso: “Faço na questão da atualização dos dados, tem coisas que mostram

nos slides 2010, 2005, aí tu entra no *smartphone* e tem 2015, 2018, dados atualizados”.

Por fim, nas questões 28 e 29 do quadro 5, pode-se constatar a maior e menor média, respectivamente. Na questão 28 sobre o discente utilizar o *smartphone* em aula quando o professor propõe alguma atividade, reforça a vontade do aluno de ter atividades mais diversificadas, já que o aparelho não é tão utilizada dentro da sala de aula. Já a questão 29, sobre o docente utilizar *smartphone* quando não entende o conteúdo, que obteve a menor média, mostra um resultado diferente do grupo focal, já que foi muito discutido sobre utilização do aparelho durante a explicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo geral analisar as formas e estratégias de aprendizagem dos alunos do Curso de Administração da UNIPAMPA. Especificamente buscou-se verificar os efeitos do uso de *smartphone* na aprendizagem dos respectivos alunos, inferir se há prevalência pela aprendizagem individual ou coletiva entre esses alunos e identificar os principais métodos e recursos de ensino facilitadores da aprendizagem Dos mesmos.

Quanto aos efeitos do uso do *smartphone* nas formas de aprendizagem, pode-se observar que o *smartphone* serve mais como distrator do que como um facilitador da aprendizagem. Foi possível identificar pelas falas dos discentes que os professores ainda não conseguiram introduzir o *smartphone* de uma forma que vá agregar às aulas, servindo apenas como distração quando os alunos usam quando não se interessam pela aula, quando já estão cansados ou quando o docente não está demonstrando que domina o conteúdo que está ministrando.

A respeito da aprendizagem individual ou coletiva, foi possível verificar que não há uma preferência, mas sim que elas se completam, necessitando sempre mesclar os dois tipos, já que possuem alunos que preferem aprender sozinhos e outros com os colegas.

Além disso, com relação aos métodos que facilitam a aprendizagem, pode-se observar claramente que os alunos aprendem mais e buscam por aulas nas quais há uma diversificação nos métodos de ensino do professor e nas formas de avaliação, já que cada discente aprende de uma maneira. Isso mostra que o docente é uma peça crucial para facilitar a aprendizagem desses alunos. Assim, deve haver uma relação amigável entre docente-discente, que tenha abertura para possíveis questionamentos e que, indiferente do tipo de aula, tanto teórico quanto cálculo-matemático, os discentes aprendem mais quando o professor explica. Podendo-se concluir que ainda preferem o método tradicional, no qual o professor é o indivíduo que conduz a aula.

Ao longo da pesquisa encontraram-se algumas limitações, a observação participante junto ao grupo focal demonstraram um resultado diferente do que foi observado pelos questionários em relação ao *smartphone* ser um distrator, mostrando que entre os discentes ainda existem incongruências quanto ao uso do mesmo em sala da aula.

Assim, recomendam-se algumas sugestões como, por exemplo, realizar mais grupos focais com diferentes alunos, para poder analisar outras perspectivas e rever as questões do agrupamento das questões sobre uso do *smartphone* em aula, já que as mesmas não foram suficientes para trazer um resultado plenamente confiável. Além disso, seria interessante analisar a percepção dos professores em

relação às formas de aprendizagem dos discente, assim como suas visões sobre a utilização dos *smartphones* pelos alunos em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 7. ed. Joinville: UNIVALLE, 2007.

ANTONELLO, C. S. Articulação da aprendizagem formal e informal: seu impacto no desenvolvimento de competências gerenciais. **Revista Alcance**, v. 12, n. 2, p. 183-210, 2005.

BENI, P. F.; BRENO, F. R.; VILLELA, L. M.; ESTEVES, R.; JONES, G. D. C.; FORTE, D. Processo de Ensino-Aprendizagem e a Interação de Professores e Alunos em um Curso de Graduação em Administração de Empresas. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 345-374, 2017.

BIDO, D. S.; GODOY, A. S.; ARAUJO, B. F. V. B.; LOUBACK, J. C. Articulação entre as aprendizagens individual, grupal e organizacional: um estudo no ambiente industrial. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 2, art. 59, p. 68-95, 2010.

BRANDÃO, J. M. F.; CAVALCANTE, E. D. C.; TEMOTEO, J. A. G. O processo de aprendizagem de alunos de Turismo e Hotelaria sob a perspectiva andragógica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 3, p. 531-551, 2014.

BRANDÃO, J. M. F.; SILVA, A. B. Fatores Mediadores da Aprendizagem na Educação a Distância em Administração Pública. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 9, n. 4, p. 265-275, 2017.

CALIARI, K. V. Z.; ZILBER, M. A.; PEREZ, G. Tecnologias da Informação e Comunicação como Inovação no Ensino Superior Presencial: Uma Análise das Variáveis que Influenciam na sua Adoção. **Revista de Gestão**, v. 24, n. 3, p. 0-0, 2017.

CARVALHO NETO, S. **Dimensões de qualidade em ambientes virtuais de aprendizagem**. 2009. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CASTRO, M.; CORSO, K. B.; BANDEIRA, M. V.; CEZAR, B. G. S. A um passo da Nomofobia: um Estudo Experimental com Universitários Usuários de Smartphones. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 2018, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2018.

COELHO JUNIOR, F. A.; BORGES-ANDRADE, J. E. Uso do conceito de aprendizagem em estudos relacionados ao trabalho e organizações. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 40, p. 221-234, 2008.

COSTA, S. A.; PFEUTI, M. L. M.; CASA NOVA, S. P. C. As Estratégias de Ensino-Aprendizagem Utilizadas Pelos Docentes e sua Relação com o Envolvimento dos Alunos. **Revista Evidenciação Contábil & Finanças**, v. 2, n. 1, p. 59-74, 2014.

D'ELBOUX, P. C. Jogos de Empresa. **Repositório Kroton**, v. 2, n. 2, p. 201-2014, 2008.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C.; **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FARINA, R. M. **Contribuições do ambiente virtual de aprendizagem para o desenvolvimento de competências do engenheiro de produção utilizando o PBL**. 88 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

FERNANDES, C. R.; BINOTTO, E.; SILVA, H. C. H. Estilos de Aprendizagem e Ambientes de Confiança: um Estudo das Participações Contributivas de Alunos do Mestrado. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 9, n. 3, p. 30-44, 2015.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

HAIR JR., J. F.; BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre, Bookman, 2005.

LEOPOLDINO, C. B.; SOUZA, E. R. L. C. Variabilidade de Mecanismos na Aprendizagem Individual sobre Software Livre. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 23, n. especial, p. 210-231, 2017.

LOPES, P. A.; PIMENTA, C. C. C. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e desafios. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, v. 3, n. 1, p. 52-66, 2017.

MARTINS, V. M. C.; OLIVEIRA, M. O. R.; CORSO, K. B. Sou o que eu Consumo? Smartphones e o Self Estendido a Luz de Paradoxos Tecnológicos. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 17, n. 3, p. 329-343, 2018.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org.). **Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação**. Maceió: PPGE/CEDU:EDUFAL, 2006.

MOTTA, G. S.; MELO, D. R. A.; PAIXÃO, R. B. O Jogo de Empresas no Processo de Aprendizagem em Administração: o Discurso Coletivo de Alunos. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 3, p. 342-359, 2012.

OLIVEIRA, M.; FREITAS, H. Focus Group – pesquisa qualitativa: resgatando a teoria, instrumentalizando o seu planejamento. **Revista de Administração**, v. 33, n. 3, p. 83-91, 1998.

OLIVEIRA, R. J; A prática docente e a ética na escola. **Educação Unisinos**, v. 14, n. 2, p. 126-133, 2010.

PÁDUA JÚNIOR, F. P.; CASTILHO FILHO, J. P.; STEINER NETO, P. J.; AKEL SOBRINHO, Z. Avaliação da percepção de discentes e docentes sobre novas tecnologias de ensino em cursos de graduação em Administração. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 15, n. 2, p. 295-321, 2014.

PEREIRA, F. A. M.; RAMOS, A. S. M.; CHAGAS, M. M. D. Satisfação e continuidade de uso em um ambiente virtual de aprendizagem . **Revista de Gestão**, v. 22, n. 1, p. 133-152, 2015.

PEREZ, G.; ZILBER, M.; CESAR, A.; LEX, S.; MEDEIROS JR., A. Tecnologia de Informação para Apoio ao Ensino Superior: O Uso da Ferramenta Moodle por Professores de Ciências Contábeis. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 6, n. 16, p. 143-164, 2012.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

SACCOL, A.; SCHLEMMER, E.; BARBOSA, J. **M-learning e u-learning: novas perspectivas das aprendizagens móvel e ubíqua**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SAMPIERI, R. H. M; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SCORSOLINI-COMIN, F. Psicologia da Educação e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 3, p. 447-455, 2014.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo, Cortez, 2016.

SILVA, D. M.; NETO, J. D. O. O Impacto dos Estilos de Aprendizagem no Ensino de Contabilidade. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 21, n. 4, p. 123-156, 2010.

SOUZA, S. C.; DOURADO, L. Aprendizagem baseada em problemas (ABP): um método de aprendizagem inovador para o ensino educativo. **HOLOS**, v. 5, p. 182-200, 2015.

SOUZA, L. F. N. I. Estratégias de aprendizagem e fatores motivacionais relacionados. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 36, p. 95-107, 2010.

TORRES, Patrícia Lupion. Laboratório on-line de aprendizagem: uma experiência de aprendizagem colaborativa por meio do ambiente virtual de aprendizagem Eureka@Kids. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 27, n. 73, p. 335-352, Dec. 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO VALIDADO

Pesquisa sobre Formas de Aprendizagem

Nº: _____

1. Sexo: _____ 2. Ano de Ingresso: _____ 3. Idade: _____ 4. Ensino Médio: _____

Nas afirmativas abaixo, você deverá preencher de acordo com uma escala de concordância, em que **1 significa discordância total** com a frase apresentada e **5 significa total concordância**:

1. Aprendo mais ouvindo os colegas e interagindo com eles do que com docente explicando.	1	2	3	4	5
2. Aprendo mais quando tenho proximidade com o docente.	1	2	3	4	5
3. Sinto-me mais à vontade para aprender quando temos que buscar informações para resolver problemas de casos sugeridos pelo docente.	1	2	3	4	5
4. Gosto de aprender quando o docente expõe conteúdo conceitual-teórico e nos coloca a refletir sobre ele.	1	2	3	4	5
5. Aprendo mais quando me sinto à vontade para fazer perguntas e questionamentos em aula.	1	2	3	4	5
6. Prefiro aprender conteúdo conceitual realizando provas objetivas como as de concurso.	1	2	3	4	5
7. Costumo aprender mais conteúdos que envolvem cálculos quando o professor explica em aula.	1	2	3	4	5
8. Aprendo mais quando docente fornece ferramentas de apoio no Moodle.	1	2	3	4	5
9. Prefiro aprender participando de discussões em fóruns online como os disponibilizados no Moodle.	1	2	3	4	5
10. Costumo aprender mais quando o docente cria questionários no Moodle no formato de teste para exercitarmos o conteúdo.	1	2	3	4	5
11. Aprendo mais quando o docente indica uma tarefa online no Moodle para refletirmos e postarmos nossa análise individual.	1	2	3	4	5
12. Quando a matéria é mais teórica, prefiro buscar explicação em vídeo aulas do que prestar atenção ao docente.	1	2	3	4	5
13. Sinto-me mais à vontade para aprender realizando trabalho em grupo.	1	2	3	4	5
14. Não gosto de realizar atividades em grupo, pois não consigo me concentrar para aprender.	1	2	3	4	5
15. Prefiro aprender conteúdos teóricos sozinho do que com um docente explicando em aula.	1	2	3	4	5
16. Aprendo mais conteúdos matemáticos estudando sozinho em casa do que prestando atenção em aula.	1	2	3	4	5

17. Prefiro aprender conteúdos que envolvem cálculos com vídeo aulas online do que com o docente explicando em aula.	1	2	3	4	5
18. Costumo aprender mais quando o docente disponibiliza textos para lermos e refletirmos em aula.	1	2	3	4	5
19. Prefiro aprender quando o docente aplica estudos de casos.	1	2	3	4	5
20. Acredito que aprendo mais quando o docente oferece algum problema aplicado para resolvermos em aula.	1	2	3	4	5
21. Aprendo mais quando o docente aplica jogos de empresa.	1	2	3	4	5
22. Acho mais fácil aprender quando o docente realiza alguma dinâmica vivencial para ensinar o conteúdo.	1	2	3	4	5
23. Aprendo mais os conteúdos quando o docente propõe atividades diversificadas.	1	2	3	4	5
24. Eu uso o celular em sala de aula sempre que a matéria não me interessa.	1	2	3	4	5
25. Eu uso o celular em sala de aula quando o docente explica um conteúdo que já sei.	1	2	3	4	5
26. Quando o docente explica algo que fico em dúvida, busco explicação online pelo celular em aula para tentar entender.	1	2	3	4	5
27. Quando o docente termina uma explicação ou atividade, costumo usar o celular para buscar mais informações sobre esse conteúdo.	1	2	3	4	5
28. Costumo usar o celular em aula quando o docente propõe uma atividade com o aparelho.	1	2	3	4	5
29. Quando o docente explica algum conteúdo que eu não entendo, busco me distrair usando o celular.	1	2	3	4	5
30. Uso o celular em aula para averiguar se as informações transmitidas estão atualizadas.	1	2	3	4	5

APÊNDICE B – Protocolo da pesquisa

Definição do contexto da pesquisa	Escolheu-se o tema devido a uma cadeira cursada sobre o tema de aprendizagem durante a graduação ministrada pelo próprio orientador, o tema foi escolhido, pois gostaria de pesquisar algo que fizesse alguma diferença dentro da universidade. Logo os alunos foram escolhidos como público alvo. Os dados desses alunos foram disponibilizados após uma conversa com a Secretaria Acadêmica da universidade.
Escolha e elaboração das fontes de informação	A grande maioria das fontes de informação foram artigos científicos, alguns procurados por mim em sites com Spell e Scielo e outros foram indicações do professor orientador. Junto ao mesmo foi elaborado o questionário baseado no referencial teórico do projeto.
Grupo focal	O grupo focal foi realizado com 7 alunos da UNIPAMPA, sendo 3 homens e 4 mulheres, de idades entre 20 e 32 anos, no laboratório de informática da universidade. Esses alunos foram escolhidos por serem próximos a mim e outros por serem alunos do professor.
Pré-teste do questionário	No mesmo dia do grupo focal foi realizado o pré-teste do questionário com os mesmos participantes, no qual os alunos participantes deram diversas dicas para a melhoria do questionário.
Elaboração de um novo questionário	Junto com o professor foram feitas as alterações sugeridas pelo grupo focal.
Aplicação dos questionários	A aplicação dos questionários ocorreu em uma turma por semestre, resultando em 9 semestres e 201 questionários.
Processo de análise das informações coletadas	Depois de ter aplicados todos os questionários, os dados foram passados para o Excel e posterior tratamento no programa SPSS, que gerou os dados estatísticos da amostra pesquisada.